

SPEED NEWS

■ **Festival Radical** — Começa sexta-feira, na praia do Leça, em Matosinhos, a terceira edição do festival Verão Radical, promovido pela Realizar Eventos. Durante o encontro, serão desenvolvidas diversas actividades em escalada, patinagem em linha, skate, BMX, bungee jumping, saltos negativos, rapel e snowboard. Esta última modalidade é premiada ainda com a finalíssima do Campeonato Nacional de Snowboard.

■ **Nacional Funboard** — A quarta etapa do Campeonato Nacional de Funboard decorrerá no próximo fim de semana, em Sagres. Espera-se agora que a "bruxa" da falta de vento tenha enfim sido exorcizada deste calendário, pois das três anteriores provas marcadas apenas uma teve condições mínimas para a sua realização. O circuito contará ainda com mais duas etapas: no Guincho, de 14 a 17 de Agosto, e Açores, de 29 de Novembro a 1 de Dezembro.

■ **Surf Esperanças na Figueira** — Mais hospitalidade e sorte é o que esperam os organizadores e atletas envolvidos com o Circuito Nacional de Surf Esperanças, cuja próxima etapa está agendada para daqui a seis dias, na Figueira da Foz. Justifica-se: a terceira prova deste campeonato, em Espinho, foi cancelada, primeiramente pela falta de ondas que atormentou os "trials", no sábado, 14 de Junho, para em seguida, no domingo, o local de provas ser invadido por bodyboarders locais... Ameaças de agressão entre outras coisas fizeram as 'esperanças' serem remetidas para a Figueira da Foz.

■ **Ondas numa half-pipe** — Um surfista brasileiro desenvolveu um mecanismo capaz de produzir ondas artificiais em sistema de esteira inedito no mundo. A criação já encontra-se patenteada e consiste basicamente numa espécie de half pipe (aquelas rampas para manobras em skate e in line) que, em movimento constante, proporciona a mesma adrenalina do surf no mar. Esta poderá vir a ser a tão esperada solução para as cidades sem praia ou até mesmo para os dias "flat", pois é bem mais acessível economicamente que as piscinas de ondas.

■ **Campismo na Irlanda** — A aventura para o 59.º Rally da Federação Internacional de Campismo e Caravanismo começa hoje para os participantes lusos. E que, como de praxe, a Federação homónima portuguesa estando à viagem, que tem como meta a Irlanda (Millstreet), a vários outros pontos da Europa. Assim, a "tour" passará primeiramente por Londres, seguindo para Dublin e Millstreet. Do programa do rally propriamente dito constam uma viagem pela estrada circular de Kerry, uma das mais espectaculares da costa europeia, visitas às falésias de Moher e grutas de Aitwee e Ballyvaughan, entre outros pontos.

Sessenta horas para trazer a terra firme os segredos do abismo virgem

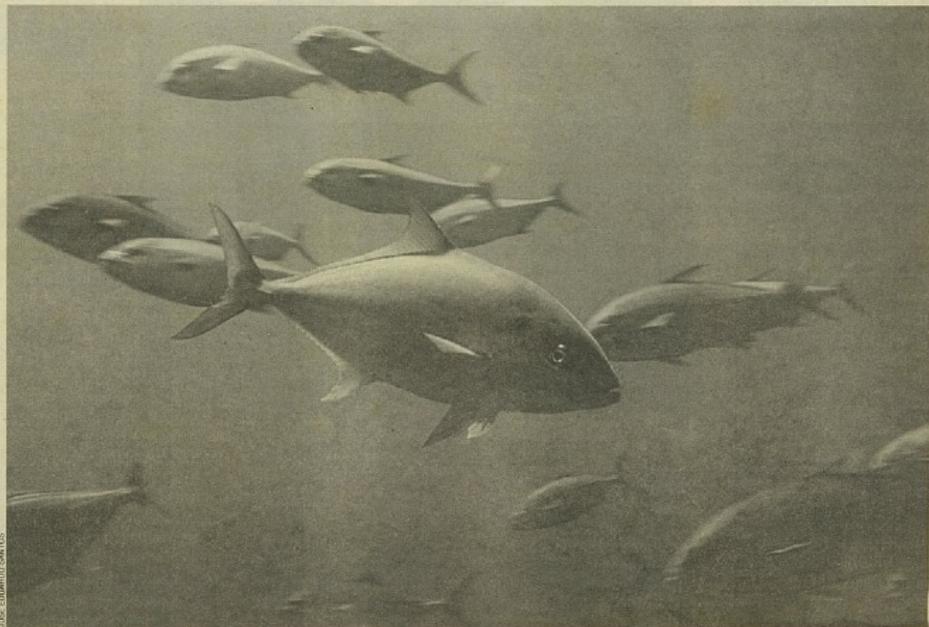
Uma agulha no Atlântico

Pico Gettysburg desbravado

Sete dias de expedição resultam em muitos registos fotográficos e numa certeza: o Banco Gorringe sobrevive ainda às agressões da mão humana ao ecossistema dos oceanos, neste fim de milénio

Águas quentes, límpidas e de um azul muito forte, imensas falésias (balsáticas) submersas, dezenas de tartarugas e lírios, mas nenhum tubarão — pelo menos à vista: estas foram as imagens que mais ficaram gravadas na memória da equipa expedicionária que visitou, de 28 de Junho a 4 de Julho, o Banco (ou Baixa) Gorringe, um verdadeiro santuário marinho perdido no oceano Atlântico, no eixo Sagres-Madeira, ainda não degradado pelo homem. A proposta deste desafio foi justamente fazer um levantamento da área, que passou, ao longo dos tempos, por diversas tentativas de exploração — contudo, sempre falhadas.

O primeiro obstáculo que se impõe a qualquer tipo de incursão à região diz respeito ao transporte: "Não é qualquer barco que tem autonomia suficiente para chegar lá", diz José Eduardo, cuja missão foi fixar em imagem toda a espécie de vida marinha e os tipos de fundo, a fim de fazer uma comparação daquele habitat com os das costas próximas às grandes cidades. E como era de se esperar, a zona faz a diferença, "nomeadamente, por estar protegida da pesca indiscriminada", ressalta ainda o fotógrafo. Tendo como aliados a rigidez do mar e a distância — são 30 horas a navegar do Algarve até à Baixa — Gorringe só permite a intromis-



AGUAS quentes e límpidas protegidas da pesca indiscriminada

são dos barcos de pesca entre os meses de Maio e Setembro, época em que as ondas e correntes dão uma trégua aos forasteiros. Desde que estes, é bom frisar, tenham cerca de dez mil litros de gasóleo a bordo.

A expedição partiu, portanto, a apostar no sucesso. E a bordo de um veleiro de 44 pés, equipado com os instrumentos básicos para uma viagem deste porte, estavam sete elementos — entre skipper, mergulhadores e pessoal de apoio. "Não ousámos muito, pois a experiência da tripulação não ultrapassava a média de 40 mergulhos cada um", justifica Octávio Canhão, um dos responsáveis pela assistência.

A proposta inicial para a investida era, uma vez de posse do ma-

terial recolhido, realizar um trabalho de pesquisa detalhado do ponto-alvo, o Pico Gettysburg, uma espécie de ilha vulcânica no centro da Baixa Gorringe. Contudo, a expedição não recebeu a aderência dos profissionais esperados: "Convidámos um biólogo e dois monitores de mergulho, e foi unânime a reacção dos mesmos em afirmar que o Pico Gettysburg era de extrema dificuldade para a localização em navegação, sem falar nas inconstantes condições climáticas que poderiam forçar uma abor-tagem da empreitada".

Diário de bordo

A palavra sorte fez-se valer e o pico, com desníveis na casa dos cinco mil metros (fundo) e de 25 na parte mais rasa, foi logo avistado pelos aventureiros. Que, entretanto, tiveram um senão em toda a viagem: "Não somos muito experientes; por conseguinte, sentimos por demais as alterações do tempo que marcaram os dois primeiros dias da viagem". Dormir fora da cabine e alojar garrafas de mergulho e compressores dentro do veleiro foram alguns dos percalços, compensados, logo a seguir, com manhãs e tardes de muita calma e águas a 18 graus, facto que permitiu o cumprimento do programa. "Foram ao todo sete dias

em alto mar, numa região que é muito perigosa devido às imensas pedras e falésias, provocadas pela movimentação tectónica", ressalta Octávio. As precauções, na proporção exacta da habilidade dos viajantes, forçaram a que os mergulhos não ultrapassassem os 53 metros de profundidade, sempre em dois turnos diários, de uma hora cada, realizados em dupla. As coordenadas dos pontos de interesse para exploração tiveram também um reforço técnico do Instituto Hidrográfico, que assegurou as localizações com precisão.

A questão segurança foi, dentro das limitações existentes, a mais observada, sendo os mergulhos feitos de um barco pneumático — o mesmo que realizava um mapeamento prévio e sinalizava os alvos a cumprir com bóias. "Mesmo não havendo tempestades, as ondas na área as vezes chegavam aos dois metros, o que nos obrigou a sairmos do pneumático, ficando o veleiro de profundidade a nossa volta, para um caso de emergência.

Mas se houvesse mesmo uma situação extrema, como um acidente, nem a comprovada experiência do "skipper" António Rocha solucionaria o problema. José Eduardo, David Carvalho, Alexandre e Miguel Ramos sabiam bem disto. Daí terem seguido a linha padrão de comportamento para grandes aventuras subma-

rinas: descer sempre com duas garrafas, ter um terceiro presa à boia, a seis metros de profundidade, e ainda uma suplente no barco de apoio. "Temos ainda de realizar alguns mergulhos presos (com um carro ligado às bóias) devido à forte corrente", assinala José Eduardo.

Com tudo isto os riscos ainda persistiram, dado que o veleiro não estava suficientemente equipado: "É aconselhável ter pelo menos um radar e um rádio amador a bordo; no entanto, não chegámos nem perto destas condições, já que partimos apenas com um emissor VHF. Pelo que, num caso de urgência, transmitiríamos um pedido de socorro para alguma embarcação próxima e esta reemitiria para uma estação costeira", lamenta o fotógrafo. A outra opção plausível seria o accionamento das bóias de sinalização. Mas o centro do problema é bem mais "profundo", como explica Octávio: "No nosso país só existem duas câmaras de descompressão — uma no Hospital da Marinha, em Lisboa, e outra no navio da Marinha...".

A experiência, no entanto, foi frutífera "pois abrimos o caminho para outros mergulhadores". Para um futuro próximo, "pretendemos concretizar outras expedições como às Ilhas Selvagens e ao Banco Unicórnio, na região dos Açores". ■

MARIA LÚCIA MAGALHÃES



UMA grande aventura no mar alto